



A Associação Portuguesa de Editores e Livreiros é uma associação sem fins lucrativos, constituída por pessoas que exerçam no território nacional as atividades de editor, livreiro, alfarrabista, distribuidor, revendedor ou exportador de livros.

A APEL assume-se igualmente como entidade de gestão coletiva de direito de autor dos editores, livreiros, alfarrabistas, distribuidores, revendedores e exportadores de livros.

A APEL representa 88% dos editores e livreiros e cerca de 95% do valor de mercado do sector.

Criada em 23 de Julho de 1927, a 4 de Maio de 1995 a APEL é reconhecida como Pessoa Coletiva de Utilidade Pública, nos termos de Decreto de Lei n.º 460/77 de 7 de Novembro; é a Agência Nacional do Sistema International Standard Book Number (ISBN); é membro da União Internacional de Editores (UIE/IPA), da Federação dos Livreiros Europeus e Internacionais (EIBF), uma das fundadoras da Federação dos Editores Europeus (FEE) e membro do Centro Regional para o Fomento do livro na América Latina e no Caribe (CERLALC).



Caracterização e Dados Mercado Livro em Portugal



O Livro em Portugal

Número de compradores: 2,774 milhões (34,8% da população)

Média de livros comprados em 12 meses: 1,1 (população total)

N.º de livros: 11,5 milhões

Média de gasto em 12 meses: 80,4 Euros

Estão a ler um livro presentemente: 10%

Leram um livro nos últimos 3 meses: 20%

Não leram livros no ano: 60%

(Índices de leitura dos mais baixos da EU)



O Livro em Portugal

O mercado do livro em Portugal (GFK) em 2020 atinge o valor de 128,7M Euros e de 9,8M de unidades.

A GFK audita o mercado livreiro em Portugal, tendo uma taxa de cobertura de 88%.

Os restantes 12% não cobertos, dividem-se em livrarias independentes 3% e papelarias 9%.

As livrarias on-line, adicionam mais 8% ao mercado total.

Segmentos do mercado, painel GFK:

1. Espaços livreiros em Multiproduto (ex. Fnac) – 37%
2. Livrarias – 27%
3. Hipers+super – 25%

Caracterização dos pontos de venda do Painel GFK 2020

Livrarias
82 P. de Venda

	11 livrarias
	56 livrarias
	6 livrarias
	1 livraria
	1 livraria
	7 livrarias

Multiproduto com livros
1.246 P. Venda

	1 pontos de venda		10 pontos de venda
	740 pontos de venda		34 pontos de venda
	2 pontos de venda		70 pontos de venda
	195 pontos de venda		10 pontos de venda
	175 pontos de venda		9 pontos de venda

Hipers/Supers
1.875 P. Venda

	50 pontos de venda
	600 pontos de venda
	20 pontos de venda
	250 pontos de venda
	10 pontos de venda
	540 pontos de venda
	5 pontos de venda
	400 pontos de venda

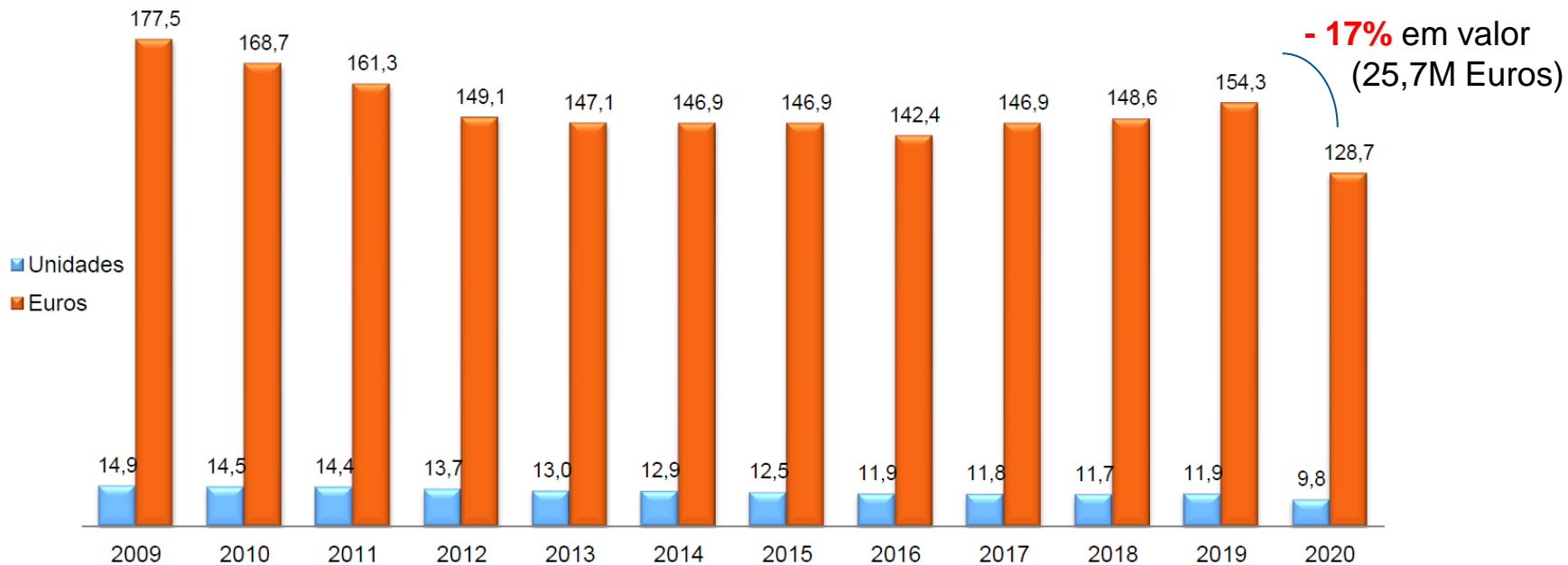
Caracterização dos pontos de venda não incluídos no Painel GFK 2020

O mercado não coberto pelo painel GFK representa 14 Milhões de Euros, 12% do valor de mercado.

Este mercado é composto por 400 pontos de venda entre os quais:

- 46 pontos de venda são livrarias independentes (não vendem outros produtos), **3M Euros**
- 354 pontos de venda são tabacarias e papelarias que também vendem material escolar, papelaria, jornais, revistas, jogos, tabaco, etc. **11M Euros**

Painel Livros Portugal Evolução Mercado (milhões)



EVOLUÇÃO MERCADO 2021

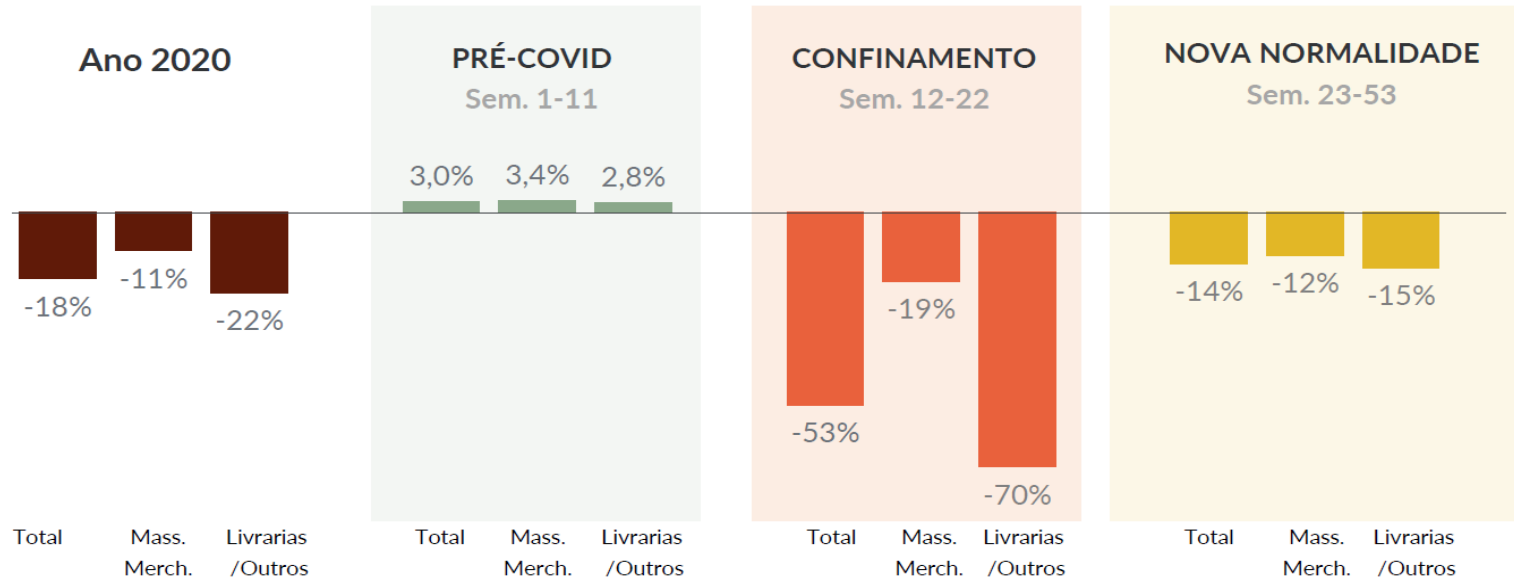
Week 03 Ytd		
VALOR TOTAL MERCADO	Var. valor YTD 2020	Var. %
5 M €	-2,5M €	-33%

Apenas com uma semana de confinamento, há já uma perda de valor perto de 10% do que o mercado perdeu durante todo o ano de 2020



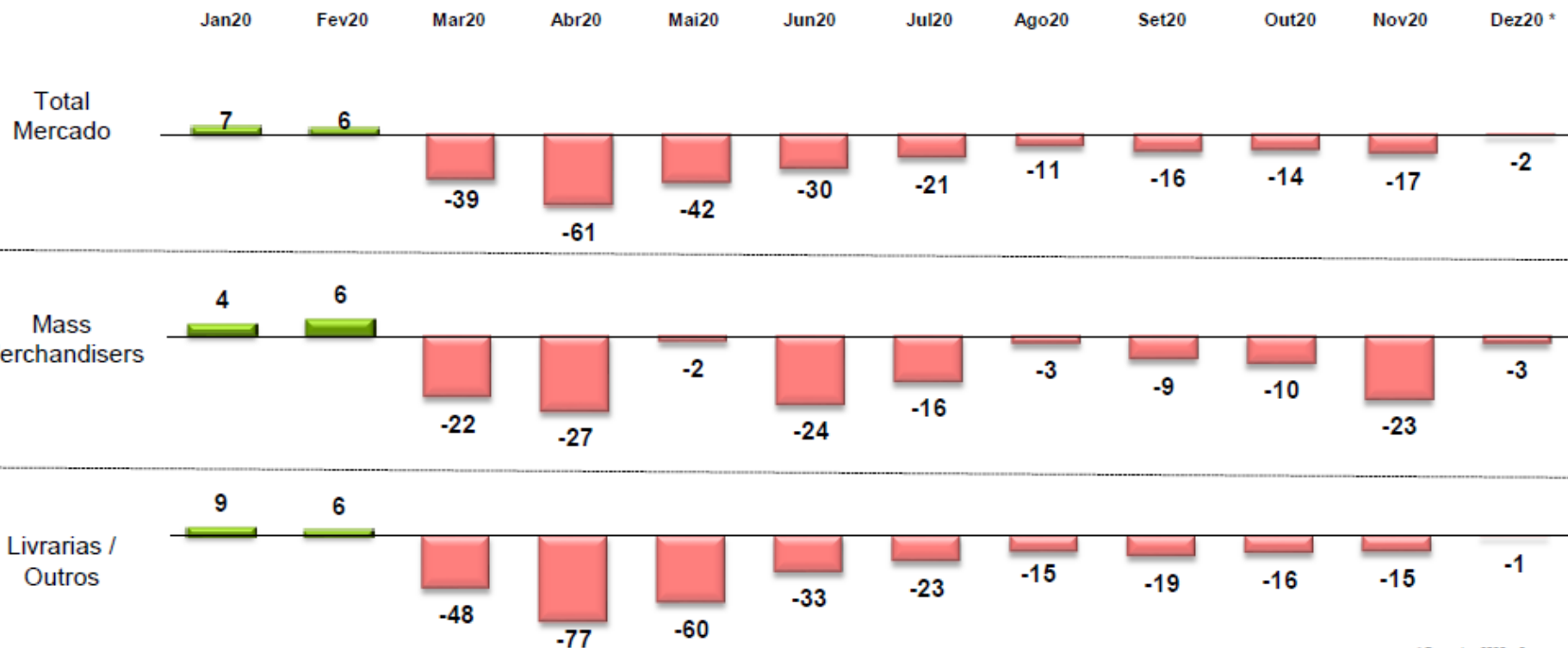
Pré-covid vs Confinamento vs Nova Normalidade

Após o primeiro confinamento as perdas foram igualmente distribuídas pelos dois canais



Painel Livros Portugal

Tendências mensais por Canais Distribuição (Unidades %)



* Dezembro 2020 = 5 semanas

Alguns dados de mercado de outros países europeus em 2020

- Espanha +1% em valor
- Alemanha +4% em valor
- Bélgica +7% em valor
- França +5% em valor
- UK +8% em valor
- Portugal -17% em valor

APEL

ESTRATÉGIA PARA O LIVRO

A fraqueza evidente do sector do livro em Portugal é o espelho do desenvolvimento da nossa sociedade. Basta comparar os indicadores de Portugal com os outros países da EU, para entendermos como estamos atrasados.

Assistimos ao definhamento do apoio à leitura, ao livro, às bibliotecas, e aos programas do PNL. O desinvestimento em todos esses programas da responsabilidade do Ministérios da Cultura e da Educação é evidente e traduz-se em números. E em atraso do País. Em seis anos muito se poderia ter progredido.

Falta uma verdadeira política de médio longo prazo para o livro e para a leitura, **no interesse da população**, para compreendermos qual o caminho a percorrer pelos editores e pelos livreiros. Em abono da verdade, a última medida estrutural (que pode sempre ser melhorada) para o sector foi em 2015, com Jorge Barreto Xavier, que trouxe estabilidade e transparência comercial ao mercado, que a IGAC comprova, e permitiu alguma recuperação.

Uma verdadeira política para o livro e para a leitura, evitaria medidas avulsas e imediatistas, como as poucas que têm sido tomadas. São medidas que não ajudam o sector, não são universais nem transparentes, e não terão qualquer resultado futuro. Uma verdadeira política para o livro, deveria estabelecer com clareza e para todos, critérios de apoio às livrarias e aos editores, tendo sempre por objetivo a promoção do livro e da leitura, apenas e só em função da população, e não de outros interesses.

As livrarias são, não só pelo peso comercial que têm, a **rampa de lançamento determinante para qualquer livro**, e sem o seu dinamismo e iniciativa, **a edição de novidades ou reedições diminuiria significativamente**, pondo em causa de uma forma profunda a liberdade de expressão, pensamento e conhecimento, perdendo com isso toda a sociedade.

Cada livraria, grande ou pequena, cada espaço livreiro, cada hipermercado ou ponto de venda que comercializa livros, tem o seu próprio público, diferenciado, e o encerramento de qualquer um deles significa sempre perda de leitores.

A nosso desafio não é fechar ou condicionar as livrarias ou outros pontos de venda, antes pelo contrário, é criar condições para que todos possam desenvolver a sua atividade em prol de um objetivo comum, a divulgação da leitura e do livro.

Nesta problemática que vivemos, uma observação final sobre as editoras, que se viram em risco de estrangulamento financeiro, com o resultado da quebra prolongada do circuito comercial. Tanto mais grave se comparado com outras atividades, quanto a devolução de stocks existentes no retalho foi iminente, e que levaria ao seu possível encerramento ou à incapacidade de investir em novas edições, perante o desinteresse do Ministério da Cultura e do Governo.

As editoras, que têm vivido sem qualquer apoio do Ministério da Cultura, não têm despertado o interesse do Governo. Basta comparar com os apoios atribuídos à comunicação social, e mereciam, pelo seu contributo para uma sociedade mais livre, pluralista e desenvolvida toda a atenção.

Excetuando um grupo de pequeníssimos livreiros e editores, para quem os programas do Ministério da Cultura têm sido dirigidos, o sector tem procurado recorrer aos apoios genéricos às empresas no âmbito do Ministério da Economia, sentindo-se marginalizado e abandonado.

Sem editoras, sem autores, sem tradutores, sem paginadoras, sem revisores, sem gráficas, morreriam as livrarias, e tornar-nos-íamos um país sem leitores e sem futuro.